

SINTAXE DIALOGAL, INTERTURNOS OU INTER-RÉPLICAS

Hildo Honório do Couto (Universidade de Brasília)

1. Introdução

Já existem muitos trabalhos sobre o que vou discutir neste artigo, frequentemente sob o rótulo de “marcadores/operadores conversacionais” e/ou “marcadores/operadores discursivos”. Freitag (2009), por exemplo, elenca uns 25 ensaios publicados até a data em que seu artigo saiu. Eu não tenho a pretensão de superar todos eles, mas de sugerir uma nova maneira de abordá-los. A esmagadora maioria dos estudos parte da visão estruturalista de língua, que a consideram um instrumento de comunicação, reificando-a. Além disso, e por isso mesmo, praticam o que chamo de discursomania: mesmo quando falam de “marcadores/operadores conversacionais”, argumentam em termos de discurso, ou seja, de texto-discurso, ou até mesmo de texto como produto do sistema da língua, como se “discurso” fosse um hipostasiar-se de aspectos desse sistema. Nisso seguem a tradição de Saussure segundo a qual a fala (*parole*) é uma realização da língua (*langue*), do sistema. Isso pode ser visto em Urbano (1993), Freitag (2009) e nos capítulos que aparecem na seção “Organização interativo-textual” dos oito volumes da *Gramática do português falado*, resultante do projeto NURC.

O principal objetivo do presente artigo é sugerir que se inverta essa perspectiva. A tradição considera os “marcadores conversacionais” um subtipo dos “marcadores discursivos”, como disse explicitamente Freitag (2009, p. 1). Porém, partindo da língua como interação, o que temos em primeiro lugar são marcadores interacionais, dos quais os marcadores discursivos (argumentativos ou textuais) seriam um subtipo. Afinal, tudo na língua existe em função do entendimento na comunicação entre as pessoas de uma comunidade linguística.

Partirei da versão da ecolinguística chamada linguística ecossistêmica (LE), que vê a língua basicamente como interação (comunicativa), justamente por ser ecossistêmica¹, pois o que interessa no ecossistema são as interações dos organismos vivos, não diretamente eles próprios em

si nem seu *habitat* em si. Pelo fato de a tradição linguística ocidental se interessar primordialmente pelo que chama de sistema ou estrutura (sintaxe, morfologia, fonologia), nem um estudo inovador como a teoria da enunciação de Émile Benveniste conseguiu superá-la. Com efeito, ele diz que a enunciação “é o pôr a língua em funcionamento por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1970, p. 12), bem no espírito de Saussure, embora acrescenta na página seguinte que “nosso objeto não é o texto do enunciado, mas o ato de produzi-lo”. Esta segunda afirmação está em perfeita sintonia com a visão da linguística ecossistêmica aqui seguida. O problema é a que a precede, que considera a interação comunicativa como subsidiária do sistema. Para a LE, no entanto, aquilo que se chama de sistema é uma abstração feita pelo linguista ao observar as pessoas interagindo comunicativamente entre si, como Eugenio Coseriu sempre defendeu. Vale dizer, a interação comunicativa precede o sistema, que é subsidiário dela. O sistema deve servir a interação comunicativa, não a interação comunicativa servir ao sistema.

À visão interacionista da LE acrescenta-se a perspectiva da sintaxe interturnos da psicolinguista romena Tatiana Slama-Cazacu, que a chamou de *sintaxa dialogată* (sintaxe dialogada) (SLAMA-CAZACU, 1982a, 1982b, 1983)², termo que troquei por sintaxe dialogal, sintaxe interturnos ou sintaxe inter-réplicas, por falta de termos melhores. A sintaxe frasal tradicional se baseia fundamentalmente em textos monológicos, com o que poderíamos chamá-la de sintaxe das relações intraturnos ou intrarréplicas, aí inclusas as relações intraoracionais (no interior da oração) e as interoracionais (de orações formando períodos). Porém o que eu vou fazer é estudar as expressões que ligam a fala de uma pessoa (p₁) à de uma segunda pessoa (p₂), o que as amarra formando uma espécie de sintaxe dialogal, a despeito de minhas restrições a esse termo.

É importante frisar que a língua não é instrumento de comunicação, mas a própria comunicação. Tudo nela existe para essa finalidade, direta ou indiretamente. Porém, nem tudo que existe na sintaxe dialogal exerce também função discursivo-textual (intraturnamente), mas apenas liga a fala de p₂ à de p₁, ou vice-versa, ou seja, nem sempre é manifestação da sintaxe frasal. Vejamos uma breve apresentação de algumas das principais categorias da linguística ecossistêmica.

2. A linguística ecossistêmica e a língua como interação³

Começamos enfatizando a ideia de que a LE se baseia no conceito central do ecossistema, que são as interações (I) que nele se dão, não na população (P) de organismos vivos em si nem em seu *habitat* ou território (T) em si. No ecossistema linguístico temos todos esses componentes. São eles a língua (L) como as interações de base verbal que se dão entre os membros de uma população (P) que convivem em determinado lugar, seu território (T). As interações entre L e o mundo constituem a referência. As que se dão entre pessoas (interpessoais) constituem a comunicação: as pessoas se comunicam referindo-se a algo fora da língua e se referem a algo fora dela comunicando-se. Dessa interação comunicativa emergem enunciados (textos). O fato de o L do ecossistema linguístico estar na mesma posição do I do ecossistema biológico já aponto para o fato de que a língua não é instrumento de comunicação, mas a própria comunicação, interação

ECO-REBEL

comunicativa. Afinal, instrumento é uma coisa, mas a língua é atividade, ação, interação (comunicativa), como já enfatizava Humboldt.

A ideia de interação perpassa por todos os domínios da língua. Inicialmente as interações são dialógicas (interlocucionais) ou textuais. A interação dialógica pode ser vista da perspectiva da (a) interação interturnos propriamente dita (comunicação) ou (b) da perspectiva da interação referencial, a referência. As interações textuais (intraturnos) são basicamente o que se tem estudado como estrutura (sintaxe, morfologia, fonologia). Ela pode se dar entre sílabas para formar morfemas, entre morfemas para formar palavras, entre palavras para formar locuções (sintagmas), entre locuções para formar orações, entre orações para formar períodos e assim por diante. Vale dizer, de qualquer ponto de vista que olhemos para a língua o que vemos são interações.

Os estudiosos de análise da conversação deixam bem claro o caráter interacional da linguagem. O pioneiro do assunto no Brasil, por exemplo, diz que “a conversação é a primeira das formas de linguagem a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora”. Mais, “a conversação é o gênero básico da interação humana”. Por fim, “a linguagem é de natureza essencialmente dialógica”. Tanto que “quando conversamos, normalmente o fazemos com perguntas e respostas, ou então com asserções e réplicas” (MARCUSCHI, 1986, p. 14).

Por ver a língua como interação (comunicativa), a LE prefere o conceito de **organização** em vez do de estrutura, utilizado nas teorias linguísticas tradicionais, porque estrutura é estática, ao passo que organização é dinâmica, tanto que lembra o organismo (animal e vegetal), que é vivo. A LE reconhece um terceiro nível de organização além dos dois da tradição. Em vez da estrutura superficial e da estrutura profunda da gramática gerativa inicial, ela utiliza os conceitos de **organização expressional** (o que o falante efetivamente diz, expressa) e **organização subjacente**, que compreende dois níveis: o da **organização sistêmica** (a organização textual detalhada do que está por traz do que ele efetivamente produziu) e o das **redes de interações orgânicas (RIO)**, que mostra poder haver conexões entre realidades de qualquer nível com as de qualquer outro⁴. Resumida e comparativamente temos:

<u>Gramática Gerativa</u>	<u>Linguística Ecosistêmica</u>
estrutura superficial	organização expressional (o que falante efetivamente diz)
estrutura profunda	organização sistêmica (o que o falante teve intenção de dizer)
.....	rede de interações orgânicas-RIO (conexões em todas as direções),

Prototipicamente, qualquer pessoa (p₁) da comunidade se expressa sempre em atos de interação comunicativa com outra pessoa (p₂), face a face. Mesmo quando aparentemente profere monólogos, inclusive escritos, em geral trata-se do “discurso de uma única pessoa na presença de outras”. Se for um solilóquio é “a fala de um único locutor aparentemente consigo mesmo ou então com um interlocutor imaginário, uma brincadeira, um alterego etc.” (SLAMA-CAZACU, 1996, p. 107). Anteriormente, essa autora já havia dito que se trata de “uma discussão interna, um ‘monólogo dialogado’, em que o homem, acostumado a se manifestar sempre em relação a alguém

e a olhar sempre para o outro, pensa consigo mesmo”, ou seja, comunica-se consigo mesmo (SLAMA-CAZACU, 1954, p. 202). Bakhtin (1981) e Benveniste (1970) também defenderam essa ideia. Couto & Couto (2019) retomam as ideias desses autores e as aplica à análise de um texto escrito.

A língua se manifesta prototipicamente no **fluxo interlocucional**, representação do diálogo, que é governado pelas regras interacionais⁵. Na seção 4 pode-se ver um exemplo de representação desse fluxo. Existem muitos outros conceitos linguístico-ecossistêmicos que não interessam diretamente ao presente estudo. Entre eles poderíamos citar o de **comunidade de fala versus comunidade de língua**, os **ecossistemas linguísticos (integral: natural, mental, social)** etc. Todos eles estão discutidos em Couto (2015), além da subparte da teoria chamada análise do discurso ecossistêmica (ADE), exposta em Couto & Couto (2015).

3. Conceituando sintaxe dialogal, interturnos ou inter-réplias

A literatura sobre o assunto em tela frequentemente põe no mesmo balaio “marcador conversacional” e “marcador discursivo”, considerando o primeiro como subtipo do segundo. Esses estudos estão sempre voltados para a questão do texto, do discurso, logo, ao fim e ao cabo para a língua como sistema de regras que permitem a produção de textos-discursos. Talvez um dos estudos que mais se aproximam da visão oposta (além de Coseriu, Slama-Cazacu e a LE) seja a análise da conversação, como se vê na sua asserção reproduzida acima de “a linguagem é de natureza essencialmente dialógica”.

Em vez de “sintaxe dialogal” talvez mais apropriado seria falar em “organização dialogal” ou “organização interturnos”. Porém, vou partir do conceito de sintaxe dialogada (*sintaxa dialogatã*) de Slama-Cazacu e do fato de “sintaxe” vir do grego *syn* (com, junto, junto com), mais *táxis* (arranjo, ordem, organização), com o que pela etimologia *syntaxis* significa aproximadamente “aquilo que se organiza junto”. Para o que interessa no presente ensaio, **sintaxe dialogal** se refere ao como a fala de p_1 e a de p_2 se organizam ou combinam para formar um todo, como proposto por Tatiana Slama-Cazacu. Sintaxe dialogal se opõe ao que poderíamos chamar de **sintaxe frasal**, a sintaxe da tradição. De acordo com a psicolinguista romena, a “sintaxe dialogada (SD) é formada pelas relações formais e de conteúdo entre réplicas, o que faz com que se completem reciprocamente, constituindo uma única unidade sintático-semântica” (SLAMA-CAZACU, 1982a, 1982b, 1983).

Segundo Slama-Cazacu, sintaxe dialogal não deve ser considerada como uma ‘conexão gramatical’ em sentido estrito”, pois “implica relações semânticas bem como aspectos não verbais, paralinguísticos, fonêmicos” e outros. A autora enfatiza o fato de que “uma função importante da sintaxe dialogal é [...] a estruturação linguística do diálogo” (SLAMA-CAZACU, 1983, p. 20). Em outro lugar a autora diz que “a réplica de um interlocutor é completada pela de outro, o que dá

lugar ao surgimento de frases ou unidades sintáticas” (1996, p. 109), no que, também ela desliza para a estruturomania, prima rica da discursomania.

Slama-Cazacu assevera que na sintaxe dialogal podem entrar ingredientes não verbais, que a autora chama, impropriamente a meu ver, de “sintaxe mista”, sendo que na verdade esses ingredientes são componentes do diálogo em si, não da organização sintática de seus componentes. Nesse sentido, a autora falou de passagem, embora, em ‘sintaxe contextual’. Em suas palavras, “a sintaxe dialogal não pode ser entendida fora do arcabouço maior de uma ‘sintaxe contextual’, que inclui o papel, o lugar, a posição e as consequências temporais dos ingredientes do contexto linguístico” (SLAMA-CAZACU, 1982b, p. 314).

Sobretudo nos textos em romeno, Slama-Cazacu⁶ explora a sintaxe dialogal pormenorizadamente, apresentando inclusive tentativas de formalização. Ela examinou vários diálogos face a face entre crianças, entre pessoas no local de trabalho, entre pescadores e em outras situações. Constatou que as réplicas de um diálogo “se inter-relacionam de modo a formar ‘uma única unidade sintática’”, “uma única frase complexa, sendo cada réplica uma oração subordinada ou coordenada unida a uma réplica anterior que exerce o papel de oração principal ou de oração coordenada”. Pode haver outras possibilidades, como, por exemplo, “uma das réplicas conter o complemento de um verbo em outra réplica”, como é o caso de *Iremos a sua casa*, dito por p₁, complementado por p₂ com *amanhã*. Mas, “a relação entre as réplicas pode se manifestar também apenas semanticamente, logo, de modo menos evidente” (SLAMA-CAZACU, 1983, p. 12). Na seção seguinte vou apresentar muitas maneiras de a fala de p₁ e a de p₂ se relacionarem entre si, ou seja, de formarem uma unidade sintático-dialogal.

Devido ao par interacional solicitação-atendimento, a expressão *post hoc ergo propter hoc* (“depois disso, logo causado por isso”, em tradução livre), tida como falácia lógica, parece fazer sentido aqui, pois a fala de todo turno a partir do segundo é de alguma maneira motivada pela do turno anterior, tem a ver com ele ou é claramente uma reação a ele, mesmo que apenas da perspectiva do conteúdo semântico-pragmático. Eurico Back & Geraldo Mattos chamam o par formado pelo enunciado de p₁ mais o de p₂ de “cláusula”, impropriamente, pois, esse termo tem se referido a interações textuais, intraturno. De acordo com esses autores, pelo menos inicialmente o enunciado de p₁ é uma **solicitação** e o de p₂ uma satisfação (**atendimento**) a essa solicitação. Eles acrescentam que a cláusula é a “célula comunicativa”, “a unidade fundamental da comunicação” (BACK; MATTOS, 1972, p. 7-8), ideia defendida também pelos ecolinguistas dinamarqueses Bang & Døør (2007). García (2013, p. 60-65) retoma o termo de Schegloff “par adjacente”, também impróprio, pois, pode haver “sequências inseridas” (MARCUSCHI, 1986, p. 47ss.). Mais adequada é a denominação “pares conversacionais” de Marcuschi (p. 34) ou **par interacional**. Esse autor acrescenta os seguintes pares conversacionais, entre outros: pergunta-resposta; ordem-execução; convite-aceitação/recusa; cumprimento-cumprimento; xingamento-defesa/revide; acusação-defesa/justificativa; pedido de desculpa-perdão (p. 35-52).

Para Slama-Cazacu só se tem um diálogo real quando há uma terceira réplica. Em sua opinião, “a simples concatenação de solicitação-atendimento (p₁: *Aonde você vai?*; p₂: *Ao correio*) não constitui um verdadeiro diálogo”, mas pode evoluir para ele se houver mais uma réplica (p₁: *O que fica na rua Tiradentes?*). Aliás, esta última réplica exige um atendimento por parte de p₂, que poderia ser *Sim* ou *Não* e assim sucessivamente. Em Slama-Cazacu (1996) a autora discute especificamente o conceito de diálogo.

4. Alguns exemplos de sintaxe dialogal, inter-réplicas ou interturnos

A primeira manifestação de sintaxe dialogal, de conexão inter-réplicas é a sequência solicitação-atendimento (pergunta-resposta), representada pela entoação interrogativa (ascendente) para a pergunta de uma pessoa (p₁) seguida da resposta (atendimento) por outra (p₂) com entoação descendente, pelo menos nas línguas que não têm partículas interrogativas, como o *do* inglês, o *ka* japonês e o *est-ce que* francês (forma alternativa). Slama-Cazacu diz que a sequência solicitação-atendimento forma uma unidade, a que chama de “proposição”, que pode ser simples ou complexa, coordenada ou subordinada (SLAMA-CAZACU, 1983, p. 12), extrapolando conceitos da sintaxe textual tradicional (intraturno) para a sintaxe dialogal (interturnos), de novo deslizando para a textomania (estruturomania).

Os estudiosos de marcadores dificilmente se desvencilham da discursomania (estruturomania, textomania). Hudinilson Urbano, cujo artigo se intitula “Os marcadores conversacionais”, assevera que “os marcadores conversacionais são elementos linguísticos que estruturam o texto, considerado não só como uma construção verbal cognitiva, mas também como uma organização interacional interpessoal” (URBANO, 1993, p. 114). Vale dizer, ele põe em primeiro lugar a estruturação do texto e considera a “organização interacional interpessoal” como algo secundário, tributário dele.

Para o par solicitação-atendimento representado por pergunta-resposta, começemos pelo exemplo de um Ubirajara Moreira Fernandes, apesar de que Slama-Cazacu não o consideraria um diálogo devido à falta de uma terceira réplica.

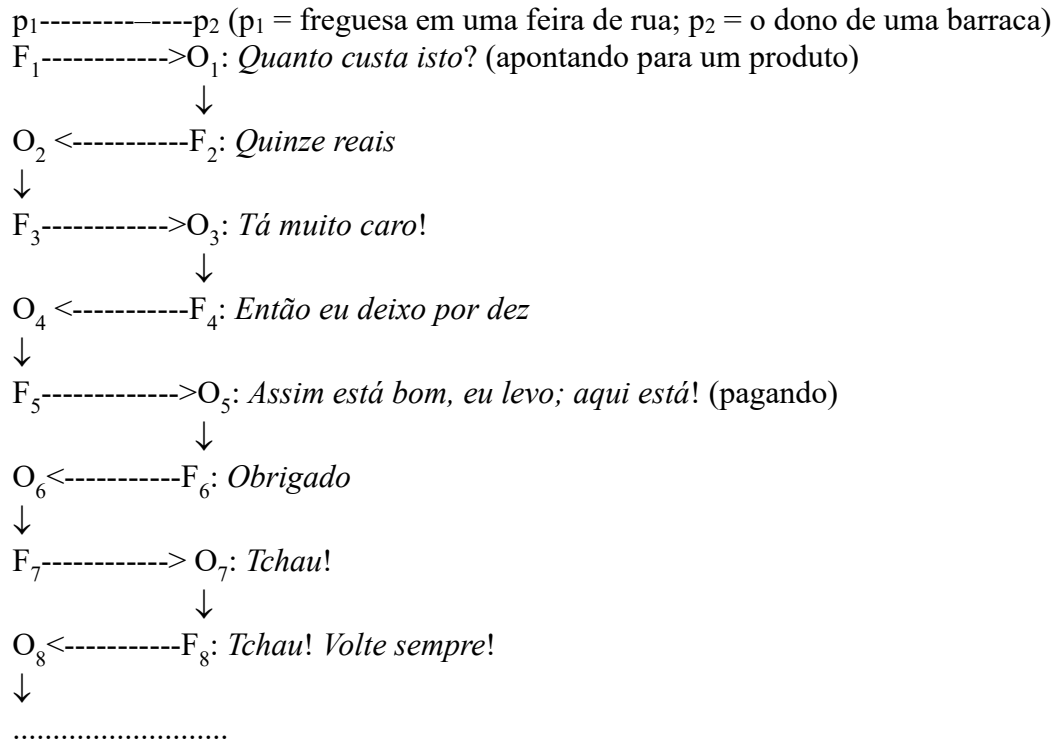
-p₁: *Maria foi ao cinema, né?*

-p₂: *Não, ela foi ao teatro*”

Fernandes afirma que “tanto *não* quanto *ela* revelam uma conexão entre o enunciado de p₂ (o atendimento) e o de p₁ (a solicitação) como estratégias da ‘sintaxe dialogada’. O *sim* teria a mesma função sintática interturno que o *Não* (*Sim, ela foi ao cinema*) [acréscimo meu, hhc]. O *não* relaciona-se diretamente ao enunciado de p₁ e *ela* retoma *Maria*. Por fim, *foi* retoma o *foi* do primeiro enunciado, o que significa que a correferência e a anáfora são também estratégias utilizadas na sintaxe dialogal” (FERANDES, 2022, p. 37). O *né?* da fala de p₁ não consta no original de Fernandes. Eu o acrescentei para mostrar que além de estar fazendo uma solicitação-pergunta, p₁ pode adicionalmente solicitar algum tipo de anuência, concordância ou aceitação por

parte do interlocutor (p₂). Sua presença sinaliza a p₂ que p₁ espera que a resposta seja positiva, o que não aconteceu no caso.

Vejamos um **fluxo interlocucional** já utilizado em várias publicações em linguística ecossistêmica, como Couto & Couto (2023, p. 18). Nele, F está para falante e O para ouvinte, papéis que se alternam entre p₁ e p₂ no decorrer do diálogo. Os números subscritos (1, 2, 3, n) indicam o nível da réplica (fala, turno).



Os diversos desvios possíveis do esquema de um fluxo como este foram comentados pelos estudiosos de análise da conversação, como se pode ver resumidamente em Marcuschi (1986). As setas horizontais indicam que a simples posição de F e O, um depois do outro, já mostra que estão relacionados (*post hoc ergo propter hoc*), que formam uma unidade de sintaxe interturnos (sintaxe dialogal). As setas verticais indicam a troca de papéis entre uma pessoa (p₁) e a outra (p₂). Num nível, p₁ é falante e p₂ ouvinte. No nível seguinte, os papéis se invertem, e assim sucessivamente.

O fluxo interlocucional revela diversos fatos interessantes da dinâmica da língua vista como interação. O primeiro é que a **asserção** (informação, oração declarativa) é atendimento a alguma solicitação, motivo pelo qual é de nível 2. Como mostraram linguistas e filósofos da linguagem, toda oração declarativa, toda informação (asserção) é atendimento a alguma solicitação (pergunta), mesmo que tácita, implícita. Se o feirante tivesse afixado uma plaquinha com os dizeres “15 reais” no produto, ele o teria feito antecipando a resposta à pergunta que todo mundo faria: *Quanto custa isso?* Em segundo lugar, a **exclamação** é normalmente de nível 3, pois em geral as pessoas a fazem após alguma constatação, ou informação (de nível 2). Em terceiro lugar, o fluxo mostra que os

diálogos têm um começo, mas nunca se sabe que direção vão tomar nem quando terminarão, motivo pelo qual os fluxos interlocucionais terminam em reticências. Em quarto lugar, nota-se que o diálogo se desenvolve em espiral, não em círculo, ou seja, ele evolui. Mesmo atendo-se a determinado tema, cada réplica o aborda de uma perspectiva diferente, acrescentando algo novo.

5. Marcadores interlocucionais: marcadores de solicitação e marcadores de atendimento

Existe uma grande variedade de denominações para os fenômenos estudados na presente seção. Freitag (2009) menciona “marcadores discursivos”, “marcadores discursivos interacionais”, “marcadores conversacionais”, “operadores argumentativos”, “articuladores textuais”, entre outros. A seção 2 de seu artigo se intitula “Marcadores discursivos interacionais”, o que sugere uma precedência dos “discursivos” frente aos “interacionais”. Em consonância com os princípios da LE, eu sugiro o termo **marcadores interlocucionais**, para os marcadores em geral, subdivididos em **marcadores de solicitação** (em substituição a “marcadores de falante”) e **marcadores de atendimento** (em substituição a “marcadores de ouvinte”).

Às vezes os investigadores distinguem a posição dos marcadores: se vêm no início, no meio ou no final de turno ou de “unidade comunicativa”, como se vê no quadro de Marcuschi mais abaixo. Isso não será levado em conta aqui porque se trata de algo que tem a ver mais com a organização interna da réplica (interações intraturno), com sua “sintaxe”, do que com a sintaxe dialogal, de cuja perspectiva o que mais importa é a própria ocorrência do marcador, não sua posição.

Já vimos que a solicitação-pergunta é tipicamente de nível 1 e que o atendimento-asserção (informação, oração declarativa) é tipicamente de nível 2, como se pode ver nos dois exemplos dados na seção anterior. Porém, “tipicamente” não quer dizer “exclusivamente”. Devido ao fato de o fluxo interlocucional (diálogo) ser extremamente complexo e de direcionamento e final imprevisíveis, pode haver solicitação-pergunta em qualquer outro nível à espera de um atendimento. Existem ainda solicitações cujo atendimento não é tipicamente verbal, mas comportamental, caso da ordem e do vocativo, brevemente explorados um pouco mais abaixo.

Fora a sequência “entoação ascendente-entoação descendente” da sintaxe dialogal, todas as demais indicações de conexão entre as réplicas que a constituem são expressas por marcadores interlocucionais, de solicitação ou de atendimento. O detalhado esquema de Marcuschi (1986, p. 68) reproduzido a seguir é um bom ponto de partida para se discutirem esses marcadores. Mesmo divergindo dele em alguns pontos, nada do que eu disser é crítica ao seu trabalho pioneiro, mas uma tentativa de avançar algumas de suas propostas. Como está dito logo no primeiro parágrafo do livro, o autor espera que suas reflexões “sirvam de incentivo aos leitores para futuras investigações”. Eis o quadro:

ECO-REBEL



Marcuschi (1986, p. 68)

Eu disse logo acima que substituí “sinais do falante” por **marcadores de solicitação** e “sinais do ouvinte” por **marcadores de atendimento**. Isso se deve ao fato de ouvinte não falar, ouvinte ouve. Todo “sinal” nesse sentido é de falante, independentemente de ele estar fazendo uma solicitação ou atendendo a uma solicitação. A questão é se, ao falar, ele está solicitando ou atendendo. Algumas distinções do autor não serão levadas em conta, tais como “pré-posicionados” x “pós-posicionados”, “início/final de turno” x “início/final de unidade comunicativa”, por um lado, e “convergentes”, “indagativos” e “convergentes”, por outro lado. Nada disso tem a ver diretamente com a própria interação comunicativa entre p₁ e p₂.

Em primeiro lugar vêm os marcadores de solicitação **de caráter geral**. Eles começam pela solicitação mais primitiva, a **ordem**, que pode ser atendida mediante um comportamento, seguido ou não de um acompanhamento verbal. Pode também ser atendida por uma afirmação verbal de que não vai atender. O ouvinte pode até não atender e não dizer nada. A satisfação pode ser dada até mesmo sem palavras e ser praticada até por muitas outras espécies animais.

Em seguida vem a **pergunta**. Em geral ela é atendida mediante a informação desejada, com uma **oração declarativa**. Em terceiro lugar vem o **vocativo** (do latim *vocare* = chamar): chamada de atenção do potencial interlocutor para que entre em comunhão com o solicitante e fique aberto para o que ele tem a dizer. Ele simplesmente chama a atenção do interlocutor para o que o falante vai dizer. É expresso quase sempre por uma exclamação ou um verbo no imperativo sob a forma de pré-ordem (*Menino! desce daí*), pré-pergunta (*Por favor, onde fica a rua Amapá?*), pré-informação (*Amigo, é a segunda à direita* [apontando]). Podem ocorrer também pós-ordem (*Desce daí, menino!*), pós-pergunta (*Onde fica a rua Amapá, por favor?*) e pós-informação (*É a segunda à direita, amigo!*). Na verdade, o vocativo é uma espécie de solicitação, embora possa ocorrer também em atendimentos (pré-atendimento/pós-atendimento).

Os marcadores de solicitação **de caráter específico** são basicamente os que constam no quadro de Marcuschi. Eles ocorrem a fim de solicitar acolhida do interlocutor ao que o falante vai dizer. Além dos que constam na coluna dos “pós-posicionados no final de turno”, exceto talvez *é isso aí*, entram

ECO-REBEL

nesta categoria marcadores linguísticos como *viu?*, *sabe?*, *tá?*, *entende?*, *correto?*, *né?*, *não é?*, entre muitos outros. Aí entram também marcadores paralinguísticos (intensidade, pausas etc.), suprasegmentais (como a entoação, acento etc.) bem como os marcadores não linguísticos (*ãh?* e *hein?*).

Repetindo, para cada tipo de solicitação existe um **marcador de atendimento**. Constituídos pelos **de caráter geral** temos, em primeiro lugar, a obediência à ordem, em geral mediante um comportamento, ou seja, executando o que foi ordenado. Em seguida vem a resposta à solicitação-pergunta. Se se tratar da pergunta total, a resposta pode ser simplesmente *sim* ou *não*. Podem ser também substitutos de *sim* e *não*, como os marcadores não linguísticos vistos mais abaixo. Como salienta Marcuschi, existe também a resposta ecoica (-p₁: *Cê vai com a gente?*; -p₂: *Vô*). O atendimento ao vocativo em geral consiste em se mostrar atento e receptivo ao que o falante poderá dizer.

Os marcadores gerais de solicitação ocorrem com frequência no primeiro nível do fluxo interlocucional, ou seja, podem ser o gatilho para o diálogo. Os marcadores de atendimento específicos ocorrem com frequência no segundo nível do fluxo interlocucional, justamente por serem atendimento à solicitação do primeiro nível. Porém, os dois tipos de marcadores gerais podem ocorrer em qualquer nível do diálogo, dependendo de sua dinâmica.

Ao conjunto de marcadores que se referem a solicitações, atendimentos e até partes de réplicas expressas não verbalmente, Slama-Cazacu (1983) chamou impropriamente de sintaxe mista (*sintaxa mixtã*) que, de acordo com ela é a “substituição frequente de elementos verbais por elementos não verbais”. Ela afirma que “no diálogo oral a sintaxe dialoical contém uma sintaxe mista, sobretudo nas atividades de trabalho, nas crianças e nos registros informais”. Pode ocorrer uma “unidade dos elementos verbais e não verbais” (p. 7-21).

Na verdade, a categoria “sintaxe mista” de Slama-Cazacu é mais ampla do que os componentes não verbais da comunicação. Entre esses elementos, temos as exclamações (que incluem as interjeições), expressões como *uai*, as mímicas⁷, os rinemas⁸ (*ãh?*, *hein?*, *?m?*).

Na verdade não se trata de sintaxe propriamente dita, mas de uso mesclado de recursos verbais e não verbais nas interações comunicativas, nas réplicas (turnos) que compõem o diálogo. Talvez possamos criar o neologismo “inverbal” e fazer a distinção entre componentes verbais (com palavras) e componentes inverbais (não verbais) da comunicação, como os de (1) a (6) a seguir.

(1) Paralinguagem; (2) proxêmica. (3) cinésica/mímica: a) movimentos e posições do corpo (braços cruzados, pernas cruzadas de duas formas); b) movimentos com a cabeça; c) movimentos com os braços; d) movimento com as pernas: *Ele pôs a bola no chão e (ato de chutar)*; e) movimentos com as mãos; f) movimentos com os dedos (“mostrar o dedo médio”, “V de vitória”, “positivo/negativo com o polegar”, “indicador apontando algo” etc.); g) movimentos dos olhos; h) movimento das pestanas; i) cenho franzido etc. (4) Existem ainda as onomatopéias e os rinemas.

Para mais discussão sobre esses componentes da interação comunicativa, pode-se consultar Nădrag (2009).

Existem ainda os marcadores textual-discursivos ou, na tradição, apenas “marcadores discursivos”. De acordo com alguns autores, existem os marcadores ideacionais “representados por algumas conjunções e advérbios como *e, mas, então, além disso, agora, aliás* etc. (GALEMBECK; CARVALHO, 1997, p. 9). Esses autores falam também em “marcadores de sustentação do turno”, tais como os silêncios ou pausas como sinais de hesitação, a fim de ganhar tempo na elaboração mental do que vai ser dito sem perder o turno. Os exemplos citados são *ahn, uhn, eh, ah*. Mais especificamente, “as hesitações servem como momentos de organização e planejamento interno do turno e dão tempo ao falante de se preparar” (MARCUSCHI, 1986, p. 27).

6. Sintaxe dialogal, discurso direto e discurso indireto

A sintaxe dialogal tem mais a ver com discurso direto porque é por meio dele que o falante efetivamente se expressa. No entanto, os especialistas em estudos literários, que frequentemente lidam com textos monológicos ou aparentemente monológicos (COUTO & COUTO, 2019), falam em discurso indireto e discurso indireto livre, assunto pormenorizadamente discutido por Mikhail Bakhtin em mais de um quarto de seu livro (BAKHTIN, 1981, p. 144-196).

O discurso indireto é aquele em que um narrador reporta em suas próprias palavras o discurso direto de outrem expresso dialogicamente. O mesmo se pode dizer do discurso indireto livre. Por esse motivo vale a pena falar brevemente dele aqui. Ele consiste basicamente na reprodução do enunciado de um falante por parte de outra pessoa que o relata em suas próprias palavras. Vejamos a tradução de um exemplo em francês, traduzido por mim, que se encontra em Bakhtin (1981, p. 174), em nota de rodapé, primeiro em discurso direto (1), em seguida em discurso indireto (2) e em discurso indireto livre (3):

(1) *Ele protestou e gritou: “Meu pai te odeia!”* (o narrador reporta diretamente o que o próprio falante disse)

(2) *“Ele protestou e gritou que seu pai a odiava”* (o narrador inclui em seu discurso o que a falante disse)

(3) *Ele protestou: “Seu pai”, gritou ele, “a odiava”!*

Eis um exemplo mais simples em português:

(3) Maria: *“Eu não irei à missa amanhã”* (discurso direto, dito pela própria Maria);

(4) Narrador: *“Maria disse que não iria à missa amanhã”* (o narrador inclui o discurso de Maria no seu).

O discurso indireto é o predominante em obras literárias como romances, novelas e contos. Uma exceção são os dramas (peças teatrais), cujo objetivo é justamente ser representado dialogicamente por atores. No entanto, no interior das obras literárias podem aparecer trechos em discurso direto,

como quando o autor põe alguns personagens a dialogar. Em suma, o discurso narrativo indireto é um tanto artificial.

Sem entrar muito nas filigranas dos mecanismos de conversão de discurso direto em indireto e vice-versa, aí incluso o discurso indireto livre, o fato é que o assunto tem a ver diretamente com o diálogo, com a interação comunicativa. Mesmo porque nas suas interações comunicativas do dia a dia os falantes podem usar esses recursos. Eu tenho exemplos disso até em narrativas proferidas na zona rural. Em Urbano (1993, p. 94-95) temos um exemplo de conversão de discurso direto em discurso indireto.

7. Discussão

Todos os estudos mencionados no presente artigo, e outros por eles citados, são sérios e apresentam sólida argumentação a partir das bases teóricas que seguem. O grande problema em todos, eles segundo a visão ecossistêmica, é a tantas vezes mencionada discursomania (textomania, estruturomania). Isso se deve ao fato de considerarem a língua um sistema que funciona como instrumento que usamos para comunicar, no nível da faca que usamos para descascar uma laranja, da chave para abrir uma porta e assim por diante. A fim de evitar essa reificação, a LE prefere o conceito de **organização**, em vez do de estrutura. Só se pode falar em estrutura se dirigirmos o foco para um plano específico na imensa rede rizomática de interações orgânicas que constituem a língua, como muito bem mostraram Deleuze & Guatari (2000), de cuja proposta há uma tentativa de aplicação em Couto (2016). Examinemos mais de perto três dessas publicações.

Urbano (1993) começa dizendo que “Os marcadores conversacionais são elementos linguísticos que estruturam o texto”, embora acrescente que o texto é “considerado não só como uma construção verbal cognitiva, mas também como uma organização interacional interpessoal”. Vale dizer, primeiro eles são estruturadores do texto para, só secundariamente, serem componentes da “organização interacional interpessoal” (p. 14). Afirma ainda que eles “integram propriamente o conteúdo cognitivo do texto”. Para o autor, eles são “elementos que ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado”, acrescentando a observação secundária de que isso se dá “especialmente dentro do enfoque conversacional” (p. 98). Nos “Comentários Conclusivos”, Urbano afirma que esses marcadores “desempenham funções mais genéricas e funções mais específicas”. A função genérica é a “estruturadora ou organizadora”. Acrescenta que “são específicas as funções de monitoramento do ouvinte ao falante”, mesmo que seja de “aprovação discursiva” (114). A textomania, e a discursomania aí se revelam de ponta a ponta.

Galembeck & Carvalho (1997) retomam a conceituação de autores como Urbano e Marcuschi. O artigo deles é um dos que mais se aproxima da visão de língua como interação, como se vê já no título (Os marcadores conversacionais na fala culta de São Paulo). Partindo da posições inicial, medial e final dos marcadores (que é de natureza estrutural), jogam no mesmo balaio “marcadores iniciais de turno” que têm “função interacional”, “marcadores de opinião” e outros, cujos exemplos

são textual-discursivos. Entre os “marcadores mediais de turno” encontram-se os “MCs de função interacional” de “envolvimento do ouvinte”. Os três seguintes não são interacionais, mas “de sustentação do turno, “manifestação de opiniões” e “de função ideacional” que, ao fim e ao cabo, são textual-discursivos. Por fim, falam dos “marcadores finais de turno”, todos eles claramente interacionais. Também eles não escapam da estruturomania.

Raquel Freitag (2009) também é uma grande estudiosa dos marcadores. Sua preocupação é claramente com a questão textual, sintática. Tanto que logo de início afirma que “os requisitos de apoio discursivo não podem ser considerados elementos apenas de interação, estritamente pragmáticos” porque “desempenham funções gramaticais, relacionadas à organização do texto, e desse modo, podem ser considerados decorrentes do processo de gramaticalização”. A “gramaticalização é o processo pelo qual um item lexical, impulsionado por um certo contexto pragmático e morfossintático, torna-se gramatical”, reportando-se a Traugott (p. 6). Tanto neste artigo quanto em um anterior a ele (FREITAG, 2007), um dos seus principais objetivos é mostrar que estão se gramaticalizando, deixando de ser meros “marcadores discursivos interacionais” que “estão adentrando nos domínios da escrita” (p. 7), portanto estão sendo incorporados na linguagem padrão por aparecerem em textos jornalísticos e técnicos. Apenas de passagem, a autora assevera que “O falante faz uso de estratégias para certificar-se da atenção do ouvinte, pedir sua concordância e também manter aberto o canal comunicativo” (p. 9).

De dez artigos compulsados, três enfatizam a ideia de texto já no título e 3 incluem “interação”, “diálogo” e “fala”. Porém, mesmo esses três resvalam em todo o ensaio pela discursomania. Enfim, a tradição vê os marcadores interlocucionais, tanto de solicitação quanto de atendimento, pelo filtro do discurso. Tanto que o nome geral que dão a eles é “marcadores discursivos”, sendo os “marcadores conversacionais” um subtipo. Manifestação clara de discursomania, textomania, estruturomania. Por que não “marcadores interlocucionais” “de solicitação” e “de atendimento”, dos quais os “marcadores discursivos” são um subtipo? A LE inverte a perspectiva e vê os marcadores discursivos pelo filtro da interlocução.

No espírito da filosofia de Martin Heidegger, podemos afirmar que uma faceta discursomaníaca dos estudos tradicionais se mostra na própria palavra “discurso”. Ela provém de *discursus*, que é particípio passado de *discurrere*. Ora, particípio passado se reporta a algo feito, terminado, logo, estático, não a algo dinâmico e em desenvolvimento como o diálogo. A propósito, Eugênio Coseriu já disse que “a língua é um ‘advérbio substantivado’: *latine* [loqui] transformado em *língua latina*, assim como o [caminhar] *rapidamente* pode se transformar em *rapidez* [do caminhar]” (COSERIU, 1979, p. 45). Eu acrescentaria que o conceito de língua se aproxima mais do gerúndio, que indica uma ação em andamento (*falando, dizendo*). O particípio passado se refere a algo terminado, pronto (*falado, dito* > o falado, o dito; o discorrido > o discurso). Ora, já em 1836 Wilhelm von Humboldt dissera que a língua é *enérgia* (energia, algo em movimento), não *érgon* (algo feito, o feito > uma coisa)⁹. O *érgon* (*langue*) seria o resultado do congelamento de determinada configuração da *enérgia* (*parole*). A língua não é uma coisa, mas uma ação, interação, interação comunicativa.

Em síntese, a categoria dos marcadores é denominada **marcadores interlocucionais**, pois tudo na língua tem por fim último a comunicação. Eles se subdividem em **marcadores de solicitação** e **marcadores de atendimento**. Como a língua tem também marcadores (intraturno, intrarréplica) que amarram o texto, lhe dão coesão, a LE reconhece um terceiro tipo, os **marcadores textual-discursivos**.

8. Observações finais

É importante repetir que o artigo propõe uma mudança de postura frente aos fatos examinados, não uma análise pormenorizada e inteiramente nova dos marcadores, ou de um grupo deles. O objetivo principal é apresentar uma nova perspectiva a partir da qual eles podem ser analisados, considerando-os como **marcadores interlocucionais** por um lado e **marcadores textual-discursivos** por outro, com a possibilidade de haver intersecção entre eles.

Infelizmente não há terminologia consensual para a própria designação dos fenômenos. Além das incertezas no uso de termos como “marcadores/operadores discursivos”, “marcadores/operadores conversacionais” e até “marcadores/operadores discursivos interacionais”, há fenômenos que sequer têm nome. É o caso de *ãh?*, *mhm!*, *ãhã!/?ã?ã!*, *?m?m!* e outros, como se vê na Nota 8.

Enfim, eu pretendi avançar os importantes resultados já alcançados nos estudos feitos no contexto da análise da conversação. Espero que o meu breve ensaio sugira novos avanços no estudo da língua como interação e tudo que a compõe, como o diálogo e tudo que tem a ver diretamente com ele, caso dos marcadores interlocucionais, a despeito do título “sintaxe dialogal”.

Notas

1. Para uma visão geral da ecolinguística, pode-se consultar Fill (1993) e Couto (2007). Especificamente para a linguística ecossistêmica, Finke (1996), Trampe (1990) e Couto (2015). Na seção 2 do presente ensaio, encontra-se uma pequena síntese da LE.
2. Infelizmente a linguística ocidental não deu o devido valor ao importante trabalho de Tatiana Slama-Cazacu, embora a psicolinguista brasileira Leonor Scliar-Cabral tenha traduzido seu livro *Psicolinguística aplicada ao ensino de línguas* (São Paulo: Pioneira, 1979) e aplicado sua “metodologia dinâmico-contextual” em alguns ensaios.
3. A linguística ecossistêmica não dispõe de uma terminologia técnica específica para o estudo de questões “estruturais”, mas, por ser multidisciplinar e multimetodológica, pode lançar mão de qualquer teoria com respectivos termos técnicos para a análise de um objeto específico, sem nenhum prejuízo epistemológico. Para ela, o mais importante é a interpretação dos resultados da análise, com o auxílio do método da focalização (GARNER, 2004; COUTO, 2018), não a terminologia utilizada.

ECO-REBEL

A ideia de língua como interação pode ser vista em Bakhtin (1981), Jakubinskij (2025), no marxismo, no behaviorismo americano e em muitas outras teorias. A teoria que mais se aproximou do que se faz em linguística ecossistêmica é a análise da conversação (SACKS, SCHEGLOFF, JEFFERSON, 1974; MARCUSCHI, 1986).

4. Como exemplo inicial, podemos lembrar a preferência brasileira pela próclise pronominal (questão sintática), que se explica pela repugnância pelas palavras proparoxítonas (questão fonético-fonológica). Isso se deve ao fato de o todo “verbo + pronome oblíquo” ser visto como uma palavra (vocábulo fonológico) que, por isso mesmo, deve obedecer às tendências fonético-fonológicas da língua.

5. Já foram detectadas 19 regras interacionais, expostas em Couto & Couto (2023, p. 20).

6. A obra principal de Tatiana Slama-Cazacu está em romeno. Para o que interessa no momento, Slama-Cazacu (1982a, 1982b) são as principais referências no que tange à sintaxe dialogal. Felizmente, há uma versão resumida desses dois artigos em espanhol (SLAMA-CAZACU, 1983). Eu me baseio fundamentalmente nele, mas eventualmente recorro também aos originais romenos, além de publicações em francês, como Slama-Cazacu (1996). Fernandes (2022) é uma boa apresentação da vida e obra da autora.

7. Um pioneiro no Brasil no uso de mímicas na comunicação é Pierre Weil, com seu livro *O corpo fala*, em coautoria com Roland Tompakow (Editora Vozes, 1980, 1ª ed.).

8. O termo rinema é um neologismo proposto num texto provisório meu intitulado “Rinemas como frasilhas periféricas da linguagem: Uma interpretação linguístico-ecossistêmica”. O vocábulo é formado pelo radical grego para nariz (*rhis/rhinós*), devido ao fato de os sons serem emitidos basicamente pelo nariz, mais o *-ema* que ocorre em termos como “fonema”, “morfema”, “semema” etc. O texto está Disponível em:

<https://meioambienteelinguagem.blogspot.com/>

9. Wilhelm von Humboldt. *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaus*. Berlin: Druckerei der Königlichen Akademie der Wissenschaften, 1836. Esta é a primeira edição. Posteriormente saíram várias outras.

Referências

BACK, Eurico; MATTOS, Geraldo. *Gramática construtural da língua portuguesa* I. São Paulo: Editora F.T.D, 1972.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 2ª ed., 1981.

BANG, Jørgen Christian; DØØR, Jørgen. *Language, ecology and society: A dialectical approach*. Londres: Continuum, 2007.

BENVENISTE, Émile. L'appareil formel de l'énonciation. *Langages* ano 5, n. 17, p. 12-18, 1970.

ECO-REBEL

COSERIU, Eugenio. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença Editora/EDUSP, 1979.

COUTO, Hildo H. do; COUTO, Elza K. N. do. Por uma análise do discurso ecológica (ADE). *ECO-REBEL* v. 1, n. 1, p. 82-104, 2015. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9968/8801>

COUTO, Elza K. N. do; COUTO, Hildo H. do. Uma leitura ecolinguística de “Se eu quiser falar com Deus” de Gilberto Gil. *ECO-REBEL* v. 5, n. 2, p. 40-53, 2019. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/27661/23798>

COUTO, Hildo H. do; COUTO, Elza K. N. do. Por uma gramática ecossistêmica do português brasileiro. *ECO-REBEL* v. 9, n. 3, p. 04-50, 2023. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/50278/38177>

COUTO, Elza K. N. do; COUTO, Hildo H. do. *Por uma gramática ecossistêmica da linguagem rural de Major Porto (MG) (a sair)*.

COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: Estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

COUTO, Hildo Honório do. Linguística ecossistêmica. *ECO-REBEL* v. 1, n. 1, p. 47-81, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2016v20n38p26>

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9967/8800>

COUTO, Hildo Honório do. Estudos gramaticais à luz da linguística ecossistêmica. *Scripta* v. 20, n. 38, p. 26-53, 2016.

COUTO, Hildo Honório do. A metodologia na linguística ecossistêmica. *ECO-REBEL* v. 4, n. 2, p. 18-33, 2018. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/12355/10835>

DEULEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. 2000. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vol I. São Paulo: Editora 34, 2000, 1ed., 2ª reimpressão.

FERNANDES, Ubirajara Moreira. Tatiana Slama-Cazacu: linguista ecossistêmica *avant la lettre*. *ECO-REBEL* v. 8, n. 1, p. 29-46, 2022. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/42490/32852>

FILL, Alwin. *Ökologuistik: Eine Einführung*. Tübingen: Gunter Narr, 1993.

FINKE, Peter. Sprache als missing link zwischen natürlichen und kulturellen Ökosystemen. In: FILL, Alwin (org.). *Sprachökologie und Ökologuistik*. Tübingen: Stauffenburg, p. 27-48, 1996.

ECO-REBEL

FREITAG, Raquel Meister KO. Marcadores discursivos não são vícios de linguagem. *Interdisciplinar: revista de estudos de língua e literatura*, v. 4, p. 22-43, 2007.

<https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/1091>

FREITAG, Raquel Meiter Ko. Estratégias gramaticalizadas de interação na fala e na escrita: Marcadores discursivos revisitados. *ReVel* v. 7, n. 13, p. 2-15, 2009. Disponível em:

http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_13_estrategias_gramaticalizadas_de_interacao.pdf

GALEMBECK, Paulo de Tarso; CARVALHO, Kelly Alessandra. Os marcadores conversacionais na fala culta de São Paulo (Projeto NURC/SP). *Intercâmbio* v. 6, 1997. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/4100/2746>

GARCÍA, Ángela Cora. *An introduction to interaction*. Londres: Bloomsbury, 2013.

GARNER, Mark. *Language: An ecological view*. Berna: Peter Lang, 2004.

JAKUBINSKIJ, Lev. *A fala dialogal*. São Paulo: Parábola, 2015.

KOCH, Ingedore G. Villaça et al. Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. In: CASTILHO, Ataliba T. (org.). *Gramática do português falado* I. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, p. 143-184, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

NĂDRAG, Lavinia. O abordare psiholingvistică a cercetărilor referitoare la comunicare. *Intertext* 1-2, 2009.

SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel E.; JEFFERSON, Gail. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. *Language* v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974.

SLAMA-CAZACU, Tatiana. Principiul adaptării la context. *Studii și cercetări lingvistice*, tomo V, n. 1-2, p. 201-244, 1954

SLAMA-CAZACU, Tatiana. Structura dialogului: Despre „sintaxa dialogată” I. *Studii și cercetări lingvistice* v. XXXIII, n. 3, p. 211-224, 1982a.

SLAMA-CAZACU, Tatiana. Structura dialogului: despre ‘sintaxa dialogată’ II. *Studii și cercetări lingvistice* XXXIII, n. 4, p. 301-321, 1982b.

SLAMA-CAZACU, Tatiana. Relaciones interpersonales y estructuración del diálogo: "La sintaxis dialogada". *Anuario de psicología* n. 29, p. 5-23, 1983.

SLAMA-CAZACU, Tatiana. Fondements du dialogue. *Bulletin de psychologie*, tomo 50 n° 427, p. 106-111, 1996.

doi: <https://doi.org/10.3406/bupsy.1996.14602>

ECO-REBEL

TRAMPE, Wilhelm. *Ökologische Linguistik: Grundlagen einer ökologischen Wissenschafts- und Sprachtheorie*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1990.

URBANO, Hudinilson. Os marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH-USP, p. 93-116, 1993.

Aceito em 15 de fevereiro de 2026.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 12, N. 1, 2026.